

**BRYAN JAY BOST**



# O SONHO BRASILEIRO

Um romance missionário

Este manuscrito será editado e publicado futuramente  
pela Editora Vida Cristã.

Versão especial em PDF destinada à distribuição livre e  
gratuita sem modificações.

Venda proibida.

## Prefácio

Escrevi este livro no ano de 2000, quando estava completando vinte e cinco anos de trabalho missionário no Brasil. É gostoso escrever ficção porque o autor pode levar para o desfecho que quiser. A vida real nem sempre permite tanto. Porém, a vida em Jesus sempre surpreende: o que o Senhor faz conosco fica além do imaginável.

Dedico este livro a todos os discípulos de Jesus no Brasil e aos muitos outros que surgirão no futuro próximo.

## Sumário

24 de Março de 2022	5
2001: O Ano Crucial	7
O Passado	16
Volta a São Paulo	17
Igreja na Casa de...	27
Interior Paulista	39
2022: 1000/1000	45

## 24 de Março de 2022

Enquanto sua esposa, filhos, netos e bisnetos cantam "Parabéns a Você", Bill começa a vagar mentalmente. Como é que tudo aconteceu? Tantas coisas, tantas pessoas, tantos problemas e tantas vitórias. Deus tem sido muito generoso nestes 75 anos. Muitas vezes ele não enxergava para onde tudo estava indo, mas agora era possível ver. E que satisfação isso proporcionava!

Bill Briggs não é o tipo de pessoa que pensa muito sobre si, mas hoje à noite parece que as circunstâncias levam-no a fazer um inventário de sua vida. Quando apaga as velas, uma neta grita - Discurso, Vô, discurso - e ele decide falar. Sem dúvida, tem muito a dizer.

- Não sei como, nem onde começar; há tanto que quero contar. Quero expressar meu amor a todos vocês e dizer como fazem a minha vida bonita. Mas, vocês me conhecem--o que realmente quero afirmar é o quanto Deus tem me abençoado por todos estes anos. Quantas e quantas vezes experimentei a fidelidade do Senhor. Vocês sabem que sempre cito Mateus 6.33, sobre colocar o reino de Deus em primeiro lugar e também podem verificar comigo como ele cumpriu sua promessa e "todas as outras coisas" foram acrescentadas.

- Esta noite não há tempo, porém, um destes dias, quero lhes narrar toda a minha história. Chegando ao fim, parece uma maravilha, contudo no "durante", as dificuldades eram muitas e o progresso, tão lento. Um dia, quando tivermos muito tempo, vou contar a história inteira.

- Não, vô, conte agora. Queremos ouvir.

- Sim, pai, estamos todos aqui e temos bastante tempo. Se não contar agora, quando é que vai contar? Ou acha que vai viver mais 75 anos?

No meio das risadas e com o calor de tanto amor, Bill responde - Cuidado! Um homem de 75 anos tem muito para relatar e quanto mais um pregador! - Contudo, ele não precisa de muita insistência porque quer expor o que Deus fez na sua vida e como o Senhor agiu por meio dele e da sua esposa Janice. Ele pensa que seu testemunho será a melhor herança que pode legar a seus filhos, netos e bisnetos.

- Vocês pediram e, de fato, quero lembrar. Achem lugares confortáveis porque a viagem ao passado vai começar!

## 2001: O Ano Crucial

Bill sabe onde iniciar sua narrativa. Será no ano de 2001. Em termos, tudo era "antes" ou "depois" de 2001. "Antes", ele tinha ministérios excelentes, mas nem sempre o satisfiziam. "Depois", apesar de tanto trabalho e desafio, sua vida tinha rendido tudo que achava possível, e, de fato, mais do que poderia ter sonhado. Tinha aprendido na prática o que sempre soubera através do seu estudo bíblico: Deus pode fazer mais do que pedimos ou pensamos. Foi em 2001 que todo o poder de Deus para salvar começou a ser visível como nunca antes em sua vida.

2001 foi o ano da virada. Antes Bill sempre tentava adaptar-se às situações já existentes e com efeito tinha bons resultados. Porém, os resultados nunca eram tudo o que queria e muito menos o que o Novo Testamento prometia. Faz 21 anos, mas ele lembra como se fosse ontem.

- No ano de 2001, sem outros compromissos depois de terminar o projeto em Manaus, foi possível pôr em prática tudo que sempre achava certo e bíblico. Antes havia a necessidade de manter obras já iniciadas, até com fatores que iam contra meus princípios. A partir daquele ano, podia agir com liberdade total.

- Como foi que aconteceu - pergunta seu neto que sonha em ser um pregador do evangelho. - O que mudou?

- Uma coisa era que dei o basta em constantemente cuidar dos problemas dos outros no lugar de começar meu próprio trabalho. Com muita boa vontade, tinha ajudado resolver tantos problemas e apagar tantos "incêndios". Porém, o preço era sempre estar usando minha vida, energia e talentos para

cumprir alvos que, mesmo sendo bons, não eram para mim os mais importantes. Precisava livrar-me do conserto dos erros dos outros para concentrar-me na ordem de Jesus de fazer discípulos. Às vezes, eu dizia para sua avó: "Preciso parar de cuidar das falhas dos outros e começar a cometer meus próprios erros." (E com isso, Bill dá uma sonora gargalhada.)

- Outro fator preponderante nessa guinada era minha aposentadoria: não aposentadoria do trabalho de Deus mas aposentadoria de receber salário e ter responsabilidades em relação a quem estava pagando o salário. Somente quem passou por esta experiência sabe do peso de todas as expectativas dos outros em cima do obreiro de tempo integral.

- Por anos eu e Janice sonhávamos com esta possibilidade, mas sempre parecia impossível. Sem fontes de renda extra, o único recurso era a poupança que fazíamos apesar do salário em todo o tempo ser modesto. Porém, com a passar dos anos e com a grade bênção de Deus aliada a um estilo simples e barato de vida, começamos a ver que na volta de Manaus a São Paulo seria possível dedicação ao trabalho espiritual sem receber salário.

- Por incrível que pareça, festejamos esta precariedade material porque dava total liberdade para agir, precisando dar satisfação só a Jesus. Não haveria mais programas desnecessários ou assuntos administrativos sem relação direta ao evangelho e ao crescimento da igreja ou, muito menos, brigas sobre cor de paredes ou comprimento de cortinas! Haveria mais tempo para a parte essencial: fazer discípulos de Jesus.

- Seria a oportunidade perfeita para realmente imitar a igreja do primeiro século: na sua espiritualidade e no seu estilo de vida. Especialmente, seria o momento de desvincularnos de prédios e práticas religiosas para ser simplesmente o



povo de Jesus. Implicaria no uso de casas como locais de reunião, sendo uma volta, de fato, aos tempos do Novo Testamento.

Por anos, Bill tinha pensado nestes termos, mas sempre voltava ao fato que o povo brasileiro identifica uma igreja pelo prédio e também que todas as tentativas de usar unicamente casas em décadas passadas tinham fracassado. Porém, o que tinha funcionado no início da história da igreja deveria ainda dar certo.

Portanto, não era a primeira vez para pensar seriamente nessa alternativa; suas leituras sempre lembravam-no da possibilidade. O uso de casas como pontos de pregação e irradiação do evangelho e, depois da conversão dos ouvintes, como centro de reunião e edificação, constituía um tema abordado nos Evangelhos, em Atos e nas Epístolas.

A composição e o arranjo das congregações seguiam os de famílias e "casas". O lar era ambos: centro de fraternidade e local de reunião.

A igreja inicial em Jerusalém "partia pão de casa em casa" e pregava e ensinava, não só na praça do templo dos judeus, mas igualmente "de casa em casa". A mesma experiência ocorreu em Éfeso onde Paulo descreveu o trabalho evangelístico como sendo o de "ensinar publicamente e também de casa em casa." Igrejas domésticas eram mencionadas em várias das cartas de Paulo. A estrutura de casa, família e lar é a mesma da comunidade cristã. Inclusive, a igreja se chama "a casa de Deus".

Quanta informação! O que faria Bill com todos esses dados? Qual seria o plano de ação?

- O que mudou tudo foi um comentário que sua mãe e avó fez. Por anos, tínhamos notado que congregações novas

paravam de crescer quando chegavam a 30, 40 ou 50 pessoas, basicamente o tamanho de uma família com todos os filhos, netos, tios e sobrinhos presentes, ou, em outras palavras, igreja de tamanho família. Sempre tentávamos ajudar ultrapassar essa barreira quase intransponível. Um dia Janice questionou "Por que não aproveitar esse fenômeno e parar de lutar contra?"

Rindo, diz - Mesmo não partindo de mim, era uma das conclusões mais brilhantes que já ouvi.

Os filhos interrompem - Ainda bem, Pai, que o senhor reconhece que a Mãe tem boas idéias.

- Idéias excelentes - Bill concorda. - Fiquei intrigado e comecei aquela pesquisa bíblica, isso era em '98, eu acho, sobre o uso de casas, o estilo de vida das primeiras igrejas e as dinâmicas sociais do seu crescimento.

Bill pára e lembra aqueles dias e meses quando tentou ligar "coisa com coisa" e chegar a conclusões práticas. Todo o esforço não era em vão: tinha aberto as perspectivas para o crescimento maravilhoso das últimas duas décadas. Queria acreditar naquilo que Deus seria capaz de fazer, mas na sua modéstia, era difícil aceitar que Deus faria tanto com tão pouco.

- Parecia tão pretencioso! Quem éramos nós para estar falando sobre milhares de discípulos e multiplicação de igrejas? Era quase ridículo porque estávamos começando com só duas pessoas.

- E as duas com mais de cinquenta anos e sem o perfil ideal para fazer novos contatos - acrescenta Janice.

- Sim, ríamos muito sobre justamente nós tentando tal façanha. Porém, constantemente voltávamos à certeza de que qualquer progresso seria prova do poder e da bondade de

Deus. Certamente, não seria por nós. De qualquer forma, dava medo de pensar em começar com nada e ter a ambição de cumprir cabalmente a Grande Comissão. Algo sobre o qual tantos tinham falado antes mas sempre se desviavam para o padrão tradicional de instituições religiosas.

Janice completa - Mas, Bill, havia também o outro lado. Como ficávamos animados pensando sobre o que Deus faria! Pensávamos nas possibilidades abertas quando todos os esforços iriam para fazer discípulos e louvar a Deus e não para administração e manutenção de prédios e programas de trabalho.

- Com certeza. Começar a pensar assim fazia meus olhos brilharem, como, de fato, ainda faz. Posso ser velho, mas não perdi a possibilidade de sonhar. Ora, em 2001, era mais complicado sonhar porque não havia nada para ver. Era tudo em sonho, tudo na base de fé. Porém, como sempre, nós tendo apenas o sonho, Deus fez o resto. Ainda mais porque o nosso sonho era a Grande Comissão de Jesus.

Um neto indaga - Estou entendendo todo o raciocínio. Para mim, é claro e bíblico e é exatamente o que governa a minha própria vida. Mas, como foi no início, como foi começar em 2001?

Seu pai acrescenta - Acho difícil alguém hoje, ao ver as centenas de igrejas em casas e milhares de discípulos, entender como foi começar com nada e ninguém. Como o senhor lembra, eu mesmo duvidava um pouco do bom senso de deixar tudo que já tinha sido feito e começar do zero.

Sorrindo, Bill responde - Oh, como lembro, filho. Sua mãe e eu falávamos: se nem o nosso próprio filho não apoiar, quem vai apoiar? Porém, o alvo era fazer mais discípulos e não trabalhar com os já existentes como você. E, depois de uns tempos, você mudou de idéia e pode hoje ver o efeito no

seu filho e meu neto: uma vida desde a juventude dedicada a fazer discípulos de Jesus e multiplicar o número de igrejas do Senhor.

- Agora, como foi? Foi dureza. E, ao mesmo tempo, a maior alegria da minha vida. Nunca esquecerei aquela sensação de eu e Janice olhando um para o outro e não tendo idéia nenhuma sobre quem seriam os primeiros contatos, os primeiros discípulos e os primeiros a abrirem suas próprias casas. Nós nos olhávamos e orávamos: "Pai, faça algo porque não sabemos o que fazer."

- E, realmente, estávamos meio sem pista sobre como começar porque nosso trabalho anterior tinha sido sempre (com exceção de Pirituba) com congregações formadas. Nossos contatos vinham de visitantes aos cultos ou conhecidos e parentes dos já convertidos. Em 2001, estávamos iniciando uma nova rede de relacionamentos e amizades. E, francamente, por uma boa parte daquele ano, ficávamos parados, conversando, orando, pesquisando o ministério de Jesus e dos apóstolos, tentando achar uma luz sobre a direção a seguir. É claro que havia um pouco de desânimo e muito questionamento sobre estarmos ou não no caminho certo. Contudo, tínhamos certeza de que, com fidelidade e paciência, Deus daria o crescimento.

O neto insiste com sua pergunta - Mas como é que começaram? Quais foram os meios para fazer os primeiros contatos?

- De todos os meios, um pouco! Queríamos formar grupos de estudo bíblico para que, por meio de contato com a palavra de Jesus, houvesse a formação de discípulos. Teríamos estudos particulares com aqueles que tinham mais inte-

resse. Tentamos abrir nossos olhos para ver as pessoas e perceber quem estava buscando o reino de Deus.

- Tentamos abordagens em todos os locais: fazendo compras, passeando no shopping, tomando cafezinho, até ficando no playground do prédio para conversar com os pais das crianças ou, à tarde, com os adolescentes. Era uma loucura para nós, tentando conversar com todos e por meio de uma palavra ou frase abrir a porta de interesse espiritual. Até enganos no telefone usei: depois de dizer que não havia nenhum "Fulano" morando aqui, eu perguntava se teria interesse em participar de um grupo de estudo bíblico. Uns dos primeiros contatos na Zona Leste e na Zona Norte vieram assim. É claro que falávamos com muita gente e poucas pessoas queriam ouvir mais. Das poucas, porém, vieram os primeiros contatos e uns dos primeiros discípulos; uns que já nos ultrapassaram em muito em termos de produzir fruto no reino.

- Tentamos lembrar de todos os contatos feitos nos 25 anos anteriores. Especialmente, aqueles que queriam conhecer Jesus mas, por qualquer motivo, não se tornaram discípulos. Assim, fomos pensando em nomes e casos de pessoas, até em pessoas que chegaram a batizar-se mas não seguiram em frente. Levou tempo para recordar, mas conseguimos fazer listas de nomes e endereços e, aí, na medida do possível, iniciei a busca delas (uma tarefa não tão fácil numa cidade do tamanho de São Paulo). Tivemos anos e anos de convivência com pessoas do Ipiranga, Pirituba, Nove de Julho e amigos e parentes de amazonenses.

- De interesse especial era o grupo de jovens da Nove de Julho que cresceu tanto de '84 a '86 e depois sumiu. Em 2001, estes "jovens" eram adultos de 35 a 40 anos de idade, com filhos próprios. Imaginávamos que teriam saudades da felici-

dade em Cristo e que gostariam de dar uma educação espiritual a seus filhos. Felizmente, uns respondiam positivamente e, por meio deles, grupos domésticos começaram na capital e no interior.

- Também, pedíamos a todos os irmãos, com que tínhamos contato, indicações de parentes e amigos que teriam interesse no reino de Deus. Até irmãos de outros estados entraram em contato conosco sobre conhecidos que moravam em São Paulo. Esses contatos ajudaram muito, especialmente no interior onde não conhecíamos quase ninguém. Quantas e quantas vezes, casas se abriram para estudos bíblicos que se transformariam mais tarde em igrejas domésticas.

- Fomos atrás de universitários e jovens profissionais, pessoas que em poucos anos teriam grandes recursos pessoais e financeiros. Eu ia mais na USP, tentando formar grupos de estudo e também conhecendo reuniões evangélicas e católicas, procurando jovens que queriam ser verdadeiros discípulos de Jesus. A Janice conseguiu bons contatos nos cursos de literatura inglesa e norte-americana que ministrava em várias faculdades. O estudo de literatura trata de valores humanos e dali até evangelização em conversas pessoais era um pulo pequeno.

- Em todas essas tentativas estávamos buscando nossa "sinagoga" do início do Século XXI.

- Espere um pouco. Quando fala sinagoga, não é algo sobre os judeus? - pergunta o neto que presta uma atenção perfeita.

- Poderia ser, mas eu estou usando o termo para indicar um grupo de pessoas predispostas para ouvir a mensagem verdadeira de Jesus. No livro de Atos, Paulo sempre ia primeiro à sinagoga quando chegava numa cidade porque sabia que

na sinagoga haveria crentes no Deus verdadeiro, versados nas promessas messiânicas. Então queríamos achar nossa "sinagoga", nossa fonte de pessoas preparadas.

- E onde foi que encontraram? - insiste o neto.

- Nunca tivemos a mesma sorte de Paulo onde o mesmo grupo em todos os locais rendia bons resultados, mas dois movimentos religiosos revelavam pessoas que estavam buscando mais espiritualidade. Um era igrejas que cresciam muito naquela época e pregavam a prosperidade material. Literalmente milhares de pessoas procuravam diariamente estas igrejas para tentar solucionar seus problemas. Entretanto, uns estavam realmente procurando a verdade de Jesus. O outro movimento era a renovação carismática da Igreja Católica. Havia grupos de estudo bíblico, bem diferente da prática católica normal, e estes grupos de estudo formavam as pontes para chegar à disciplina de Jesus. Era sempre difícil a aproximação, porém valia a pena porque umas das pessoas chaves nos primeiros anos vieram destas "sinagogas".

-Resumindo, chamamos pessoas de todos os cantos, uma por uma, poucas por vez, mas que, depois de se tornarem discípulos, multiplicaram-se grandemente.

## O Passado

Bill pausa em seu monólogo e, com olhar distante, volta no tempo. Volta à sua infância e adolescência. Parece outro mundo depois de tantos anos no Brasil: Novo México, seu estado, e Roswell, sua cidade, conhecida como "A Pérola do Rio Pecos". Ri um pouco pensando no Pecos e seu pouco volume de água, depois de ter visto os rios imensos da Amazônia. Assim como a diferença nos rios, sua vida ficou tão maior e mais rica do que alguém poderia ter imaginado há sessenta ou setenta anos atrás.

Contudo, suas raízes eram importantes. Rapidamente vêm à sua mente lembranças: escola, esportes, cidade pequena do interior e seus pais e irmão. Mas, acima de tudo, lembra a igreja do Senhor que era o centro da sua vida, seu ponto de referência mais importante.

Bill deslança na narrativa e descreve trinta anos em pouco tempo: sua conversão a Jesus, seus estudos na Universidade Cristã de Abilene, seu casamento com Janice, o ministério tempo integral em Midland, o nascimento dos filhos e a decisão de vir ao Brasil. Sem parar, conta sobre os primeiros vinte e cinco anos de trabalho missionário: fazia parte da São Paulo Mission Team, cooperando com a congregação no Ipiranga, ajudando a começar a Igreja em Pirituba, aceitando o desafio da Nove de Julho e, depois de quase quatorze anos lá, indo a Manaus para ajudar a igreja amazonense chegar à maturidade.

Quanto desafio e quanto crescimento! Entretanto, era só o antegosto daquilo que viria nas últimas décadas da sua vida.



## Volta a São Paulo

Os mesmos alvos que levaram Bill e Janice a Manaus, trouxeram-nos de volta a São Paulo. Os anos amazonenses esclareceram sua visão e aumentaram sua vontade de ver o crescimento total da igreja de Deus.

Foram com a missão de levar a igreja manauara à maturidade, tendo bispos e diáconos e com todos os ministérios em pleno funcionamento. Deus concedeu essa grande vitória, mas ainda parecia pouco.

Bill tenta explicar - Parece ingratidão, Deus fazer tanto e eu ainda querer mais. Contudo, confesso que era assim meu pensamento. Era tudo muito bom mas ainda não era o que deveria ser. Como já tentei expressar, a parte material e administrativa do trabalho da igreja sempre pesava e militava contra o crescimento. Coisas do tipo: depois de vários batismos, ouvir que alguém furtou um ventilador, ou, uma notícia de um trabalho missionário chegar com outra de desvio de dinheiro da oferta.

- Mas, pai, em todo lugar há problemas; não somente em Manaus.

- Exatamente isso, filho. Talvez os problemas fossem mais chocantes lá, mas a verdade é que existem em todos os lugares. Em se tratando de pecado, deve-se aplicar a disciplina do Senhor, não há dúvida. E para problemas de estrutura e jeitos diferentes de fazer as coisas? Continuar apanhando? Pensei comigo que tinha de haver uma maneira melhor e eu sabia que havia: ser o povo de Jesus segundo o Novo Testamento, sem aceitar imposições do mundo nem do ambiente religioso. É a disciplina do Senhor em tudo!

Janice acrescenta - Estava crescendo dentro de nós uma vontade tremenda de deixar o evangelho livre, desimpedido de todas essas confusões que pareciam seguir o trabalho da igreja.

- Sem dúvida. Queríamos uma situação na qual todo o nosso esforço contaria para a expansão do reino. Um ambiente no qual ser e fazer discípulos seria a norma e não a exceção (tão diferente do que as outras situações já enfrentadas). Como nosso alvo sempre foi obedecer ao Senhor, queríamos empenhar-nos numa obra completamente satisfatória a Jesus e não mais numa obra em que havia fatores negativos na própria estrutura.

- Chega de contas a pagar, atas para registrar e reuniões administrativas intermináveis! Haveria somente a obra essencial: fazer discípulos de Jesus.

- Não queria ser crítico da boa vontade dos outros, mas para mim: chega! Essa nova liberdade era também libertação do aparato físico que muitas vezes sufocava o trabalho espiritual da igreja.

Bill e Janice tinham cansado de ver todos os esforços da comunidade cristã desviados para cuidar do prédio da igreja, além da burocracia legal e fiscal. Parecia-lhes que o trabalho da igreja era resumido a estes detalhes materiais.

- Sem responsabilidade alheia, sem sustento financeiro e sem a parte material do trabalho da igreja, estávamos prontos para a nova fase da nossa vida. Mas, gente, que medo que deu! A dúvida pairava no ar: seria possível ser e fazer discípulos, sem prédios, sem programas, sem burocracia, sem política eclesiástica? Era fácil condenar os desvios e distrações, mas seríamos capazes de fazer algo diferente e melhor?

- Comecei a notar com mais cuidado a importância do uso de casas na igreja do Novo Testamento. Ao mesmo tempo sentia mais e mais os empecilhos que eram os prédios de igreja e sua manutenção. Às vezes, a igreja se torna uma sociedade para zelar pelo prédio. Em Manaus, a situação ficou mais crítica ainda pelo fato das pessoas não terem prática em administração. Cheguei a pensar que o trabalho lá seria até fácil se não houvesse prédio, se fosse só a parte espiritual.

De fato, para Bill, a parte administrativa da igreja era seu "tendão de Aquiles". A parte material, que deveria ser serva da igreja, se tornava uma mestra impiedosa.

Ao mesmo tempo, crescia no seu coração o desejo sempre presente de ser somente a igreja do Novo Testamento. Parecia simplório, mas talvez a resposta estivesse em imitar a igreja primitiva até na parte onde reuniam-se em casas. Assim, não haveria todas as preocupações sobre o prédio e sua manutenção e sobre as responsabilidades administrativas.

- Depois dos anos em Manaus, tínhamos várias opções. A coisa mais natural (e extremamente agradável para nós) seria voltar para a Nove de Julho. Seria como voltar para casa, para a família. Os laços do trabalho anterior e do amor fraternal ainda eram muito fortes.

- Ou, poderíamos ir para outras capitais e fazer o mesmo tipo de trabalho que fizemos em Manaus. Quase todas as congregações precisam de um "empurrão" para chegar a maturidade e especialmente para construir o presbitério e diaconato. De fato, chegamos a receber vários convites para mudar a outras cidades e ajudar "pôr em ordem as cousas restantes", como Paulo diz a Tito.

- Porém, como costume, escolhemos o caminho mais difícil e menos conhecido. Nossos filhos sabem que sempre foi

assim: nunca o mais fácil ou o que todos estavam fazendo, mas sempre o que precisava ser feito, mesmo se mais ninguém quisesse. Janice, qual é o título do poema de Robert Frost sobre o caminho menos andado e que tal decisão faz toda a diferença?

- "The Road Not Taken".

- E, sinceramente, tomar o caminho que mais ninguém segue tem feito toda a diferença.

Bill quase se emociona com esse pensamento, porque muitas e muitas vezes teve que batalhar todos e tudo para obedecer só a Jesus. Quantas e quantas vezes mudou as "regras missionárias" e quanta oposição e angústia isso lhe custou. Mas, agora, que diferença! Como Deus agiu por meio daquelas decisões!

- Voltamos a São Paulo por causa da sua população imensa e sua posição estratégica. E, pelo mesmo motivo, decidimos não voltar para a Nove de Julho.

- Mas, Vô, isso não faz sentido. Voltar à Nove de Julho seria a mesma coisa de voltar a São Paulo.

- Deixe-me explicar, primeiro sobre São Paulo e depois sobre a Nove de Julho. São Paulo tem 10% da população nacional e o estado de São Paulo compõe 20%. Qualquer outra cidade e região não se comparam. É um dos motivos que não permaneci em Manaus e na região Norte, onde a extensão geográfica é enorme, mas a população (pessoas perdidas sem Jesus) é igual a alguns bairros de São Paulo. Além disso, São Paulo tem influência nacional e, com o Mercosul, influência internacional. Vi esse fato com clareza em Manaus. Não havia dúvida de que a cidade que comanda o Brasil não é Brasília nem o Rio de Janeiro (mesmo que os manauaras prefiram o Rio); é São Paulo. Um movimento para fazer discípulos saído

de São Paulo teria muito mais impacto em termos nacionais. O que, de fato, tem acontecido nestes anos. Isso não aconteceria se tivéssemos voltado à Nove, porque a experiência anterior de 14 anos tinha comprovado que uma igreja estabelecida não mudaria por completo seu jeito de ser para iniciar um ministério de multiplicação.

- A idéia era de abrir uma nova frente de trabalho em São Paulo. O que já existia era excelente mas era muito pouco para uma cidade do tamanho e da importância de São Paulo. Havia na época umas vinte congregações, inclusive seis com bispos. Entretanto, era mais ou menos uma congregação por cada milhão de habitantes. Como disse, era muito pouco.

- Eu reconhecia que era bastante pretencioso da minha parte pensar em reeditar 1961, quando a primeira equipe missionária tinha chegado. Sem ter uma equipe numerosa, começaríamos do zero como eles e, com tempo, o tamanho da irmandade dobraria. Sim, sonhei alto, todavia valeu a pena.

- Mas, essa decisão não ofendeu meio mundo, quando disse que era preciso começar de novo? - pergunta um neto.

- Infelizmente, sim. Até seu pai acho demais eu dizer que começaria de novo. De fato, não falei muito sobre isso, porque quem era eu para fazer tanto? Ao invés de falar, começamos a trabalhar, deixando Deus agir. Criou, sim, um pouco de confusão no início, porque uns achavam que haveria uma competição para ver quem era melhor ou quem podia fazer mais. Quando não prestei muita atenção a essas críticas e quando, na verdade, o trabalho era tão pequeno no início, todos esqueceram essa rixa em potencial. Também, não "roubamos" ninguém de trabalhos já existentes. Essa nova frente começou com tudo novo: novas pessoas, nova mentalidade e novo estilo. Somente nós éramos velhos!

- Outro fator que completou nossa libertação da parte material do trabalho da igreja era a minha aposentadoria precoce. Ninguém pode imaginar como receber seu salário para fazer a obra de Deus pode causar pressão; só pode entender quem recebe e é suficientemente sensível para querer agradar aqueles que dão o sustento. Com o dinheiro vem o controle: como receber dos outros e não fazer o que eles julgam importante? O fato é que ninguém queria sustentar um casal que tivesse alvos anuais de ganhar um discípulo cada, sem prédio, sem tecnologia cara, sem aparecer muito na irmandade.

- Portanto, em 2001, começamos a viver da nossa poupança. Falo sempre sobre a importância de poupar; agora podem entender por quê. Demoraria mais oito anos até começar receber minha aposentadoria da Previdência. Porém, o que nós tínhamos era melhor: era a "providência divina"! O Senhor valorizou nosso trabalho e nunca passamos necessidade. Assim, não tínhamos de responder a ninguém sobre o nosso ministério, apenas exclusivamente ao Senhor Jesus. Quantos e quantos outros no passado enxergaram a mesma realidade que estávamos vendo, mas não podiam agir por medo de perder seu sustento, por não ter resultados para mostrar a quem pagava seu salário. Sem salário, estávamos livres para ser e fazer discípulos, devendo explicações só a Jesus.

Quando saímos de Manaus em dezembro de 2000, não voltamos diretamente a São Paulo. Fomos aos Estados Unidos e tiramos seis meses de licença. Queríamos passar um tempo maior com nossas mães, viajar para partes do país que ainda não conhecíamos e, em geral, preparar-nos para o novo estilo de vida e ministério. Foi uma boa idéia porque voltamos em junho animadíssimos para começar. Também, as nossas mães gostaram tanto da nossa presença enquanto ainda tinham boa

saúde e condições mentais para aproveitar o nosso tempo juntos. Como sabem, por várias vezes até o falecimento das duas, tínhamos que voltar e passar tempo com elas, inclusive quase um ano a última vez em Dallas. A coisa boa sobre fazer discípulos é que o trabalho nunca parou com as nossas ausências porque os novos discípulos eram dependentes do Senhor e não de nós. Por exemplo, aquele ano em Dallas? Conseguimos usar o mesmo estilo lá e deixamos uns discípulos e aqui houve uma multiplicação excelente. Todos falavam que sentiam nossa falta, mas o trabalho não sofreu, não.

- Chegando em junho de 2001, a primeira questão era visitar ou não as igrejas já existentes. Levaria três ou quatro meses. Queríamos rever todos os nossos amigos e antigos colegas, mas sabíamos que abriria a porta para convites para pregar, ensinar e aconselhar. Se aceitássemos, nunca teríamos o tempo necessário para desenvolver a nova frente de trabalho. Depois de muito debate e oração, decidimos visitar a Nove de Julho o primeiro domingo e começar em casa no próximo domingo. Foi uma decisão muito criticada, mesmo por bons amigos. A natureza radical da nossa missão nos chamava a começar com urgência.

- Brincando, falamos que iniciamos "nada". Nenhum contato, nenhum convertido, "nada". Contudo, tínhamos tudo: grande fé, confiança e alegria. Era o novo começo das nossas vidas.

- Vê, desculpe - corta uma neta - mas não entendi porque não podiam visitar as outras congregações?

- Não é que não podíamos; podíamos, sim, mas seria um desvio do nosso propósito. Lembra a parábola de Jesus sobre o vinho e os odres? Coloca-se o vinho novo onde? Sim, em odres novos. Colocando em odres velhos, há ruptura. O traba-

lho que pretendíamos fazer não combinava com o estilo das igrejas existentes. Ao fazer as visitas, poderia haver interesse em associar-se conosco, o que pararia o nosso plano e também bagunçaria o que as igrejas já estavam fazendo. No fim, não ajudaríamos ninguém e provavelmente daríamos a impressão que nos julgávamos superiores. Em outras palavras, aprendemos a dizer "não" a tudo que não fosse para fazer discípulos.

- Agora, não pensem que éramos dois coitados, velhos e acabados, sozinhos aos domingos. Realmente, foi uma das melhores experiências das nossas vidas. Com a chegada dos novos ficou melhor ainda.

Redescobrimos o significado de louvor e de louvor participante, olhando um para o outro aos invés de olhar para a nuca de alguém. Todos os atos do culto ganharam mais sentido: cantávamos unicamente da Bíblia (aposentando o hinário); orávamos com fervor, com pedidos feitos à viva voz antes da última oração; era um ambiente familiar com todos sentados, inclusive o pregador; a ceia era servida ao redor da mesa com pão asmo caseiro e vinho servido na hora; a oferta era utilizada nos trabalhos da próxima semana, e nunca faltavam recursos para missões, viagens evangelísticas e benevolência; e depois, para a alegria geral e para a confraternização, um bom cafezinho paulista. Começava às 19 horas e tinha uma hora de duração, com mais meia hora de café e conversa. Para que fosse facilmente reproduzido em outros lares, fazíamos o louvor em quatro blocos: músicas, mensagem, comunhão (ceia e oferta) e oração.

- Por uns meses, estávamos em dois. Demorou, mas foi memorável o primeiro culto com quatro, no domingo depois dos batismos do primeiro casal. E ficou em quatro por mais um bom tempo, o que permitiu amplo tempo para o treina-



mento deles. E não foi surpresa quando o segundo local de louvor dominical iniciou no apartamento deles. Outra coisa: o culto aos domingos era para discípulos: Jesus era a única agenda e Deus era o centro de atenção. Não convidávamos visitantes para os cultos, porque não havia condições para dar atenção ao louvor e aos visitantes ao mesmo tempo. Eventuais visitantes não eram barrados, mas recebiam atenção apenas no cafezinho, depois do louvor.

- Convidávamos visitantes para estudos bíblicos em grupo que tínhamos durante a semana e, às vezes, no domingo, porém, em outros horários. Nestes estudos todos participavam. Não eram lições dadas por um professor especializado. O coordenador do estudo (no início, eu para homens e casais, e Janice para mulheres) incentivava e acompanhava a participação dos presentes, deixando a palavra de Jesus ensinar e convencer. O alvo era fazer autênticos discípulos de Cristo; portanto, desde o início era o evangelho que imperava. Quando alguém começava a demonstrar mais interesse e entendimento, marcávamos (primeiro nós e depois todos os convertidos eram treinados a fazer a mesma coisa) conversas pessoais para levar a pessoa a tornar-se discípulo. Depois do seu batismo, os encontros, normalmente semanais, continuavam até o novo discípulo estar apto a fazer outros discípulos. Era um processo custoso em termos de tempo e esforço, mas produzia discípulos fiéis e idôneos, capazes de glorificar a Deus e ensinar outros. Se estão ouvindo uma repetição de 2 Timóteo 2.2, não é acidente, não!

- Como todo trabalho espiritual, era difícil e fácil ao mesmo tempo: difícil por causa do esforço enorme em achar pessoas buscando o reino de Deus (e a maior parte nem sabiam que era isso que buscavam) e fácil porque o plano de Deus

é perfeito e seu poder é sem limites. Era só persistir e o Senhor daria a vitória: é assim que a Bíblia diz e é assim que minha vida confirma.

## Igreja na Casa de...

- Ficar entusiasmado não era difícil; difícil era fazer. Ver as vantagens de ter um trabalho somente espiritual, sem prédios, sem burocracia, sem reuniões administrativas, era fácil. Seria tão prático e ágil, e nunca haveria os obstáculos do binômio prédio/administração que estrangula o crescimento da maioria das congregações. Como já disse, o trabalho em Manaus seria uma beleza se não houvesse os cuidados materiais tão difíceis para a irmandade executar.

- Contudo, como fazer? Onde começar? Era fácil ver as deficiências, mas a verdade é que sempre tínhamos trabalhado com o complexo inteiro de prédio, exigências legais, etc. Como agir sem essas restrições?

- Pai, seria só pregar o evangelho e fazer discípulos.

- Claro, filha, mas sua mãe e eu éramos "craques" em trabalhar com o antigo formato, mas não tínhamos grande facilidade em fazer contatos fora daquele contexto. Do novo jeito, não teríamos o estilo tão familiar a nós.

Janice interrompe - Em nossos famosos cafezinhos, falávamos repetidas vezes sobre como faríamos. E, francamente, sempre dava um frio na barriga: deixar o conhecido para o desconhecido.

- É verdade, porém estávamos convictos de que o plano de Jesus é perfeito e que Deus abriria as portas na hora exata. O desafio era começar do zero.

- Não, Bill - ri a Janice - começamos de dois, você e eu!

- Corrigido; começamos com dois, ou, melhor, três: o Senhor e nós. No começo a chave seria perseverança e paciência. Muitos já haviam tentado reproduzir o crescimento neo-

testamentário, mas na ânsia de mostrar resultados, abandonaram suas tentativas antes de ver o fruto. E não pensem que nós não fomos tentados a fazer a mesma coisa. É difícil ver um ano passar e ter só dois convertidos e mais um ano e somente mais quatro discípulos e assim por diante.

- Aqueles primeiros anos foram super difíceis: 2001, 2002, 2003. Felizmente, continuamos firmes, fazendo discípulos e esperando a mesma fidelidade dos novos e até 2005 já era possível ver os resultados. Porque naqueles anos houve muitas conversões, com um total de 67 discípulos nos primeiros cinco anos. É claro que se reuniam em vários locais. De dois para 67, o crescimento era visível, o que nos animava e preparava o caminho para a explosão que viria nos anos seguintes. De fato, a taxa de crescimento era a mesma: basicamente cada discípulo fazendo mais um discípulo por ano. Mas em números, começou a pegar fogo. Por exemplo, no ano passado, houve pelo menos um milhão de conversões (e provavelmente mais ainda porque com números tão grandes e o pessoal espalhado pelo país inteiro e vários outros países, ficou impossível de contar. Felizmente Deus sabe de tudo e conhece todos os seus filhos!) E este ano, sua mãe e eu estamos trabalhando naquele mesmo ritmo de cada um fazer pelo menos um discípulo, mas, além dos nossos dois, haverá mais uns milhões!

- Parece mentira, pai. Onde estão todas estas igrejas?

- Parece mentira, mas é verdade! No método antigo de ter prédio caro e um programa de trabalho muito custoso, isso nunca teria acontecido. Porém, com o uso de casas e outros locais, não há limite ao crescimento e à multiplicação de congregações. Onde estão? Eu não sei; só Deus sabe. A igreja lhe pertence e, sem dúvida, o Senhor está acompanhando todas as

igrejas em casas, e escolas, e cinemas, e shoppings e, até umas que optaram construir seu próprio prédio. Até uns dez anos atrás eu tinha uma boa idéia sobre onde novos trabalhos estavam começando, mas agora ficou impossível para um ser humano acompanhar. Ainda bem, pois é assim que deve ser; quem deve acompanhar o crescimento da igreja, por ser tão enorme, é somente o Senhor. Quando nós homens sabemos de tudo e conhecemos todo mundo, a obra é pequena demais! Dou glória a Deus pelo trabalho ter crescido tanto que eu tenha perdido a noção de quem, onde e quantos são.

Com grande entusiasmo, uma das netas interrompe - Vô, conte-nos como foi no início. Eu devo saber, mas era muito pequena na época e não me lembro.

- Sim, você era pequena; acho que só tinha quatro anos quando voltamos de Manaus. Agora, contar como foi no início não é difícil para mim. Tenho tudo bem guardado na memória: todos os números, e sua avó, que é craque em nomes, provavelmente pode dizer quem eram as pessoas, uma por uma. Lembro tão bem porque eram tão poucos no início e a luta era tão árdua.

- Em 2001, o ano da nossa volta, tivemos a felicidade de conseguir um casal para o Senhor. As reuniões dominicais se faziam aqui em nosso apartamento. Com somente nós dois e depois com dois casais, não era necessário dizer: "Não se aglomerem; há espaço para todos."

Rindo da sua própria piada, Bill continua - Em 2002, quando o alvo era 8, chegamos a uma dúzia com uma família de cinco pessoas e três universitários. No próximo ano houve 16 convertidos, obrigando-nos a abrir uma outra casa para as reuniões aos domingos. É claro que, durante a semana, várias casas, apartamentos e outros locais estavam sendo usados para

estudos bíblicos. Infelizmente, três pessoas se desviaram, o que serviu como um alerta para todos realizarem o processo completo de fazer discípulos.

- Em 2004, quando o alvo seria 32 pessoas, terminamos o ano com 30 e estávamos um pouco desanimados por causa de várias desistências. Certamente, não queríamos perder ninguém. E para ser franco, depois de fechar '03 com nove pessoas acima do alvo, ficamos chateados em terminar com dois abaixo do objetivo no próximo ano.

- O desânimo do fim de 2004 virou uma festa no fim de 2005. Houve o número excelente de 38 discípulos feitos com a queda de somente uma pessoa, formando um total de 67, que era três acima do alvo de 64. Essa virada em '05 providenciou novo ânimo a todos. Já estávamos em três casas aos domingos, mas ainda tínhamos muita comunicação entre as três. E, de vez em vez, para um evento especial, tínhamos reuniões todos juntos. Isso seria impossível dali mais alguns anos.

- 2006 viu o dobro de discípulos, não lembro o total exato: acho que 133 ou 134. Depois, pegou fogo mesmo, com centenas e milhares de convertidos. Como eu disse, este ano haverá milhões, um salto enorme do início 21 anos atrás! Com a mega-população, há mega-resultados.

A mesma neta exclama - Que maravilha, vô! Como Deus tem abençoado. Na sua opinião, quais eram os fatores principais de todo este crescimento?

O pai dela brinca - Filha, não faça perguntas assim. Seu avô nunca vai parar de falar e nós nunca vamos dormir!

Rindo, Bill concorda - Tem razão; posso falar o resto da noite sobre estes temas. Mas, não é minha culpa que já são duas da manhã. Vocês é que estão fazendo as perguntas.

- Primeiro, tenho que dizer que Jesus é um gênio. Seu plano para a evangelização do mundo funciona exatamente como ele ordenou. O problema é que todo mundo fica com tanta pressa em ver os resultados, que nunca vê os resultados.

- O quê? Explique melhor, vô.

- Estou dizendo que o plano de Jesus começa devagar e pega velocidade com o passar dos anos. É questão de progressão geométrica: 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024, 2048, 4096, 8192, etc. Começando com um discípulo e, com cada um fazendo só um discípulo por ano, os resultados são pequenos inicialmente (por exemplo, somente 8 pessoas depois de 3 anos), mas aumentam rapidamente (256 depois de 8 anos e 8192 em mais 5 anos). E fica incrível depois de 20 anos, com centenas de milhares e até milhões, como está acontecendo agora.

- Posso dizer que a perseverança ganhou a vitória! Todavia, não pensem que foi fácil. Aqueles primeiros anos com tão poucos discípulos e chovendo convites para deixar o plano, voltar a trabalhar com uma congregação estabelecida ou viajar dando seminários e pregando em campanhas... Agradecemos todos os convites, dizendo que não podíamos deixar o trabalho que estávamos fazendo e aí, voltávamos à realidade daquele grupinho de gente que nem lotava metade da nossa sala de estar... que dificuldade! Portanto, era somente por meio daquele começo lento, mas persistente que pudemos chegar até a maravilha que estamos vendo. Sua avó e eu ficávamos pensando naqueles primeiros tempos: será que vai dar certo? Felizmente, não desistimos e Deus ganhou a vitória.

- Outro fator determinante era a conscientização total de todos os discípulos. Decidimos que todos teriam o mesmo grau de dedicação (ou mais) que nós. Numa igreja tradicional,

a maioria dos batizados são espectadores e uns poucos fazem todo o trabalho. Contudo, em Jesus, ou a pessoa é ou não é. Não existem categorias de cristãos: os bons, os regulares e os omissos. Por isso, desde o primeiro casal, houve uma conscientização radical, pessoa por pessoa. Todos aprendem, todos obedecem ao Senhor e todos fazem outros discípulos com a mesma mentalidade.

- Pessoalmente, a certeza de perdição e salvação causava mais urgência em falar com as pessoas. Certamente eu sabia que todos estavam perdidos sem Jesus, porém o humanismo predominante me enganava e me levava a pensar que muitas pessoas eram boas e que talvez houvesse razões sociais ou econômicas para explicar sua situação. Quando comecei a aceitar unicamente a explicação da Bíblia de que sem Jesus todos nós estamos perdidos e condenados, acordei e comecei a falar com todas as pessoas em termos espirituais, independente da sua situação econômica ou cultural. A fome que todo homem tem é de Deus. A reação tem sido impressionante; quantas e quantas pessoas estavam buscando a resposta sem saber onde começar. Com Cristo, podíamos mostrar com segurança o caminho certo.

- Finalmente, diria que o sucesso veio de um otimismo alegre e contagiante. Certeza de que o Senhor faria o que prometia, não somente nos levou a iniciar a obra, mas nos animou a continuar e afetou profundamente todas as pessoas que se achegavam. A cultura brasileira possui uma nota melancólica e, sem Deus, a melancolia vira desânimo e fatalismo. O evangelho traz uma reviravolta: perdão, presença do Espírito Santo, propósito.

- Cuidado, pai, o senhor vai começar a pregar!



- É mesmo; é tão bom estar em Cristo que dá vontade de proclamar todas as vantagens. Acho que dá para perceber que com a nova vida em Jesus tudo muda, especialmente a atitude em relação à vida. Ao invés de depressão, os novos discípulos aprendiam a confiar em Jesus e esperar coisas boas. Não só nas vidas pessoais, mas também no trabalho espiritual, sabendo que discípulos seriam feitos e que Deus daria o crescimento. Com este tipo de otimismo santo, nada podia parar o aumento do reino de Deus.

É isso, mesmo, pensa Bill, e ri mentalmente: "Parece que não perdi o fogo, não! Como é abençoado ser um homem de 75 anos ainda com o entusiasmo da juventude." Logo vem à sua mente a necessidade de mostrar o outro lado, que não era tudo alegria e felicidade.

- Falei dos fatores positivos. Também, posso escrever volumes sobre os pontos negativos. O primeiro é a dificuldade do uso de casas. Casas são locais onde pessoas moram e surgem imprevistos de toda espécie: desde televisor ligado ou aparelho de som com volume máximo, a vizinhos brigando e chamando palavrões, ou o telefone tocando a cada instante. Logo, tínhamos de exigir que durante o estudo em grupo ou culto, nada mais pudesse acontecer: todos os aparelhos desligados e proibida a entrada e saída de familiares não participantes. Tais exigências vetaram o uso de algumas casas, mas trouxeram disciplina que perdura até hoje.

- Outro grave problema era o que fazer com as crianças. Em uns lares, os filhos parecem selvagens, sem qualquer educação. A chave, mais uma vez, era expectativas elevadas: ou as crianças participariam do estudo como qualquer outra pessoa ou os anfitriões arrumariam alguém para cuidar deles em outro quarto ou, sendo casa, no quintal. Alguns dos que hoje

são tão produtivos no reino começaram conosco aos seis ou oito anos de idade. Têm atualmente 20 ou 25 anos de idade e produziram fruto para Jesus por toda sua adolescência e juventude.

- Outra dificuldade é ter de dividir o grupo quando cresce. Justamente o que dá aumento à igreja (mais locais de estudo e culto) gera tristeza, porque os melhores amigos/irmãos precisam ser separados. Sentimos isso especialmente no início quando éramos poucos e o sentido de família era tão forte. Contudo, servir a Cristo exige sacrifícios e separar-se de irmãos queridos é um deles. Se for permitido um grupo continuar grande, inchado com pessoas demais, deixará de crescer. Se dividir na hora certa, o crescimento será maior ainda.

- Sem dúvida, o problema maior era a incompreensão por não ser uma igreja no sentido tradicional. Uma das perguntas iniciais eram sempre: "Onde é a sua igreja?" Sim, a pergunta oferece oportunidade para explicar o que é a igreja verdadeira, que é povo e não prédio, que pertence a Jesus e assim por diante, mas mostra a mentalidade popular. Depois da pessoa tornar-se discípulo e participar de um grupo, todas as vantagens se tornavam aparentes, porém até aquele ponto era uma luta dar os esclarecimentos necessários.

- Numa igreja humana, pessoas vão a um prédio especial no domingo, onde alguém as ensina e serve, sem grande compromisso da parte delas. Quanta diferença dessa mentalidade à afirmação: "Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro". Nossos irmãos que usam prédios, e todo aquele esquema material, lidam constantemente contra a entrada dessa mentalidade falsa na igreja do Senhor. Contudo, é uma briga difícil, porque na superfície assemelha-se a outras igrejas. Igrejas em casas são

chocantemente diferentes e não há a possibilidade de alguém pensar que "ir à igreja" é tudo o que precisa fazer.

- Pelo jeito, parei de falar sobre os pontos difíceis e estou de volta aos méritos do uso de casas. Durante a década de '90, pensando sobre o nível de crescimento que a igreja deve ter, comecei a pensar sobre os custos astronômicos de terrenos e prédios. Pensem em apenas dez prédios, cada um para 200 ou 300 pessoas. Com os preços de São Paulo, mesmo na periferia, estamos falando sobre cifras milionárias. Dessa forma, nunca haverá prédios suficientes, mas casas já existem porque pessoas têm de ter um lugar para morar, aqui na capital, no interior, em outros estados e também em outros países. Acabamos de resolver um problema insolúvel.

- Comecei a suspeitar que o uso de casas no Novo Testamento não era tão por acaso como tinha imaginado antes. Parecia mais e mais de propósito, de acordo com o propósito de Jesus para a igreja (o povo de Deus e a família de Deus).

Janice afirma - Quando começamos a ver o Novo Testamento do ponto de vista do uso de casas, tudo mudou. Antes, pensando sobre a igreja do Novo Testamento, vinha à mente imagens semelhantes as que estávamos experimentando na Nove ou em Manaus ou, mesmo, no Ipiranga: prédio de igreja, púlpito, bancos e comportamento e roupa especiais para usar nesse local. Pensando numa casa, com móveis de uma casa, com a intimidade de uma casa, todos os pontos de referência foram trocados.

Bill continua - Agora, depois de tantos anos de uso de casas, parece óbvio que era assim nos dias do Novo Testamento. Mas, inicialmente, precisávamos lembrar conscientemente de que a parte física dos prédios não era necessária para o crescimento da igreja. Com mais experiência por nossa parte e

com essa leitura consciente do Novo Testamento, ficou claro que as reuniões em casa davam ambiente e estrutura ao trabalho da igreja. Casas ofereciam, e oferecem até hoje, privacidade, intimidade e estabilidade, condições perfeitas para o trabalho espiritual.

- Pai - interrompe a filha -eu lembro que muita gente achou estranho não usar prédios e uns até combatiam o uso de casas, chamando-o de anti-bíblico.

- Esquisito, não é? Ser anti-bíblico exatamente aquilo que a Bíblia ensina! Houve confusão entre a tradição humana de ter prédios e o padrão bíblico que não os menciona. De fato, no primeiro século, fora algumas exceções, todas as reuniões da igreja eram domésticas. Foi só em 150 d.C. que houve a primeira casa destinada unicamente aos cultos (sem família morando nela) e somente em 314 d.C. apareceu a primeira basílica (ou prédio de igreja). Porém a mudança foi rápida, porque entre os anos de 360 e 370 d.C. ocorreu a proibição da celebração da Ceia do Senhor em casas. Prestem atenção nas datas: será que é mera coincidência que a mudança das reuniões de casa para prédios de igreja tenha acontecido no mesmo tempo do desvio da igreja do ensino apostólico? Certamente não era a única razão, mas era sem dúvida um dos fatores da apostasia.

- Vovô Bill, o que é apostasia? -pergunta um dos bisnetos. Todos riem porque ninguém imaginava que as criancinhas estavam prestando tanta atenção.

- É por isso que gosto desta família: as perguntas começam cedo! Apostasia é quando as pessoas deixam de seguir o caminho de Deus e inventam suas próprias doutrinas e práticas. Aconteceu nos séculos depois do início da igreja por Jesus. O que aconteceu é que na mudança de casa para prédio

(logo chamado erroneamente de templo), a espontaneidade da comunidade deu lugar a um ritual conduzido por um clero. A linguagem de família, tão simples numa sala de jantar, virou linguagem formal num ambiente frio, mesmo utilizando o termo família de Deus para denominar a igreja. Numa casa com poucas pessoas, muitos valores do reino ficam mais evidentes, como por exemplo, o amor fraternal: ou ama ou não ama. Não há aquela contradição de estar louvando ao Pai com centenas de desconhecidos, que supostamente são seus irmãos em Cristo.

Um neto, pai do menino que fez a última pergunta, inquirir - Vê, tenho lido muito sobre igrejas em casa no Novo Testamento, mas não entendi de onde veio a idéia de usar a casa. O que o senhor acha?

- Não há explicações sociológicas no livro de Atos ou nas epístolas. Porém, dá para perceber que, em primeiro lugar, reuniões domésticas eram as mais simples e naturais. Todos que tinham casa tinham condições de hospedar a igreja. É evidente que casas maiores seriam mais confortáveis e acomodariam mais pessoas. Além disso, o modelo da sinagoga entre os judeus e a associação funerária entre os pagãos, as duas hospedadas inicialmente em casas, incentivariam o uso espontâneo de casas pelos convertidos a Jesus.

- Pensem comigo um pouco. A estrutura da igreja nunca fica fria e mecânica, porque casas não são assim. A linguagem da casa se transfere facilmente ao corpo de Cristo, por meio de palavras como Pai, irmãos, filhos, amados e outras mais. Reuniões domésticas possuem um grau incomum de intimidade com níveis elevados de interação. Em outras palavras, numa casa não há um último banco para sentar e não participar do louvor. Casas unem os participantes e providenciam uma

clara distinção entre a igreja e o mundo. Além do mais, a estratégia missionária é simples: na nova cidade ou no novo bairro, achar uma família receptiva e usar a sua casa como base de operações.

## Interior Paulista

- Janice, fale sobre o interior. Foi ela que não deixou o sonho de missões no interior morrer. Quando eu centralizava os planos na capital, ela sempre lembrava das oportunidades de fora.

- Com prazer! É que eu sempre achava que um dos nossos pontos fortes era a possibilidade de amparar o trabalho de outros e ajudar no treinamento de discípulos. Não éramos tão fortes em fazer os primeiros contatos. Debatíamos muito, especialmente enquanto ainda estávamos em Manaus, sobre qual seria o estilo de trabalho mais eficaz. Eu sempre voltava para a possibilidade de ajudar abrir novos trabalhos no interior e acompanhar o seu progresso.

Bill acrescenta - Com razão. A população do interior paulista é igual à da Grande São Paulo e há mais de 600 municípios.

Janice volta a dizer - Por isso, não podia tirar da mente essa possibilidade. Agora, podemos ver que eu tinha razão.

Estava certa, pensa Bill, neste ponto e em tantos outros. Não poderia ter uma esposa melhor. Como ela insistia em ter duas ênfases, a capital e o interior, pudemos ver o Senhor trabalhar na vida de tantas pessoas em tantos municípios paulistas. E quanta alegria! Pensando um pouco mais, adiciona: e quanto esforço e oração.

Era o mesmo método no interior quanto na capital. Se houvesse contatos numa cidade ou discípulos mudando de município, o primeiro alvo era o de começar um grupo de estudos bíblicos numa casa, com a esperança de abrir mais grupos e batizar discípulos feitos nestes estudos. Com paciência,

e sem aparente pressa, o trabalho ia crescendo rapidamente, porque vários municípios se abriram ao mesmo tempo e destes o trabalho ia expandindo-se aos municípios vizinhos. Tudo muito natural, por estar em casas e com a coordenação de discípulos do próprio município.

A liberdade da despesa de construir prédios, contratar obreiros, comprar materiais e pagar contas, fez com que congregações fossem pipocando em várias regiões ao mesmo tempo. Os únicos requisitos eram discípulos prontos para compartilhar sua fé, contatos com o desejo de aprender de Jesus e um local, normalmente uma casa, mas podia ser uma escola, uma creche ou, em alguns casos, a Câmara Municipal!

Bill percebe que todos estão em silêncio, esperando o que dirá sobre o trabalho no interior - Desculpem-me, gente. Meus pensamentos estavam voando, e uma coisa me ocorreu que quero esclarecer. Não esquecemos ou ignoramos nossos amigos e colegas de tempos passados. Quando falei sobre a necessidade de abrir uma nova frente de trabalho, tentei mostrar que não era em competição com o trabalho já existente. A mesma coisa com nossas amizades: ter novos conhecidos e cooperadores não queria dizer que abandonamos os amigos de mais tempo. Não era uma coisa ou outra; no interior, visitávamos regularmente as famílias amigas de tempos anteriores. De que adiantaria desestimular uns que já estavam na luta cristã?

- Muitos dos novos contatos no interior vieram desses amigos e de outros irmãos nas congregações já estabelecidas. Trabalhávamos com estes contatos assim como as indicações dos novos discípulos na capital. Era uma rede de parentes e amigos, porque todo mundo na capital têm família ou conhecidos no interior e vice-versa. Uns dos trabalhos mais fortes



nos bairros de São Paulo se originaram de cidadezinhas do interior. É claro que não era só Janice e eu contatando as pessoas; a primeira coisa que muitos novos discípulos na capital queriam fazer, era levar a mensagem para sua cidade de origem.

- Do mesmo jeito, visitávamos os alunos de vários cursos bíblicos por correspondência que havia na época. Muitos alunos de denominações faziam os cursos apenas para ganhar certificados. Porém alguns pareciam estar esperando sua vida inteira por nossa visita: isto é, queriam de todo coração servir a Jesus, mas achavam que as únicas opções eram as igrejas humanas. Não querendo entrar naquela falsidade, não sabiam o que fazer. Gostaria que pudessem ver sua alegria quase incontida quando entendiam que era possível, sim, ser unicamente discípulos de Jesus e membros do seu corpo espiritual. Desta forma, ganhamos muitos novos irmãos, para não dizer grandes amigos. "Pagaram" sua dívida de gratidão a Deus com uma atividade quase febril de espalhar esta mensagem libertadora.

- Tenho gostado muito do trabalho no interior por causa da facilidade da expansão do evangelho. É só começar num município e, em pouco tempo, há igrejas em casas em vários bairros e nas vilas e nos municípios vizinhos. O evangelho segue linhas naturais de parentesco e amizade, além de contato comercial e profissional (como no livro de Atos). Não sei se lembram da minha frustração do Plano Estadual de Missões da Nove de Julho, porque os trabalhos iniciados não deram continuidade ao trabalho e não iniciaram novos pontos. Agora, tinha acabado a minha frustração e começado a minha alegria em ver a franca e rápida expansão do reino.

- Não quero deixar a impressão de que seja moleza trabalhar no interior. Pessoas são pessoas em qualquer lugar e, no interior, as pessoas são mais conservadoras e tradicionais, e mais lentas para mudar. Entretanto, vidas transformadas e verdade cristalina, vencem qualquer resistência.

- Ao mencionar o Plano Estadual de Missões me lembrei de toda a pesquisa (viajando e lendo) que fiz na década de '80 sobre cidades principais e suas regiões. Nestas últimas duas décadas, toda aquela informação me valeu muito. A diferença é que atualmente estou vendo acontecer o que antigamente apenas sonhava.

- Estou contando tantas coisas e tão rapidamente que parece muito trabalho e não nego que, às vezes, canso um pouco. Felizmente, há um outro lado ao trabalho interiorano: a beleza do interior paulista e a satisfação de viajar vendo paisagens agrícolas tão lindas.

O filho quase grita - De Fusca branco!

Uma bisneta logo pergunta - Vovô Bill, o que é um Fusca?

Seu avô que falou a palavra lhe explica - É um modelo antigo de carro; quase não há mais nas ruas, mas era um pouco feio e brincávamos muito com seus bisavós por causa dele.

- Brincavam, sim, mas aquele Fusca branco era um guerreiro na batalha espiritual. Compramos zero quilômetro em '95 e levamos a Manaus. Trouxemos de volta de Manaus e ainda dirigimos por anos, por todo o interior, sem falar sobre todos os cantos da Grande São Paulo. Servia tão bem. E a Janice, às vezes reunindo-se com grupos de mulheres em bairros chiques, e todas elas chegando com carros de luxo e ela, de Fusca branco, tão feliz como se estivesse de carro importado. Com

aquele carro, ninguém dizia que nosso outro carro era uma Mercedes: isto é, um ônibus de linha. Lembram aquela piada?

- Voltando ao assunto das viagens ao interior, elas uniam o útil ao agradável. Os contatos e treinamentos que fazíamos, com um tipo de terapia mental ao sair um pouco do sufoco de São Paulo. E, por muitos anos, de Fusca branco!

- Araraquara serve como exemplo do tipo de trabalho feito. Como várias cidades paulistas, ela é uma cidade limpa e próspera, com um pouco de indústria e uma região agrícola rica ao seu redor. Já em 2001, começamos a ir a Araraquara e por todos estes anos temos laços fortes de amizade e de irmandade. Fomos lá, de fato, a primeira vez em '87, como parte de uma viagem de pesquisa para o Plano Estadual de Missões.

- Ninguém sabe, mas eu e a Janice quase mudamos para Araraquara em '92. Era o ano em que a igreja da Nove de Julho, em São Paulo, iria mandar missionários para uma outra cidade do Interior e ninguém estava se movimentado. Como ninguém queria ir, pensamos: Iremos nós! Porém, com os filhos ainda estudando na USP, não seria bom para eles uma mudança e acabamos ficando em São Paulo por julgar o melhor uso dos nossos dons.

- Se tivéssemos ido, não duvido que hoje haveria uma congregação de bom tamanho, talvez 200 ou 300 pessoas, mas nada como existe lá agora, com dezenas de igrejas em casas. Araraquara tem sido uma das cidades mais receptivas de todo o interior. E, não somente na cidade, mas também em toda a região. Municípios de que eu nunca tinha ouvido falar, agora são velhos conhecidos meus: Américo Brasiliense, Santa Lúcia, Boa Esperança do Sul, Guarapiranga, Trabiju, Nova Europa e assim por diante. No lugar de uma congregação de 200

ou 300, há milhares de discípulos e o trabalho continua. Esta volta a Araraquara em condições ótimas para crescimento me animou muito e prova mais uma vez que o método do Senhor é superior aos nossos.

- Brincando um pouco: quando Jesus voltar, o sotaque caipira vai estar presente!

## 2022: 1000/1000

Bill suspende a narrativa e fica emocionado: é uma vida inteira dedicada ao crescimento da igreja do Senhor. Relembra as dificuldades, as incertezas, a consciência dolorosa da sua própria pequenez, e, ao mesmo tempo, as promessas de Jesus, o poder do Espírito Santo e a certeza da vitória de Deus. Só Bill sabe como é difícil para ele crer, mas a sua incredulidade e o seu ceticismo natural nunca o desviaram da obediência total à palavra de Deus. Nesta fidelidade há vitória. Depois de tantos anos, está mais fácil para ele ver a mão divina em tudo que pertence ao reino de Deus, e conseqüentemente, mais fácil para crer.

Lembra-se do grão de mostarda, tão pequeno e com crescimento natural bem demorado, que se torna a maior planta da horta. A parábola de Jesus se repete no trabalho de Bill (não, não era dele, era de todos os discípulos e especialmente do Senhor Jesus): começou tão pequeno, com somente ele e Janice em 2001 e agora há pelo menos mil congregações na Grande São Paulo e mais mil no interior. "Pelo menos", porque já ficou quase impossível de contar tantos discípulos, fazendo mais discípulos e tantos grupos formando-se em casas e logo atuando no seu bairro ou município. Sempre tinha sonhado com tal estalo de crescimento e, pela graça de Deus, tinha vivido o suficiente para ver com os próprios olhos.

Sonho realizado e, mais importante, o plano do Senhor verificado e vindicado. Não era por programas humanos ou recursos financeiros que tinha ocorrido tanto crescimento. A fonte do crescimento era obediência total à ordem de Jesus de fazer discípulos e a demonstração contínua do poder do Espí-

rito Santo em transformar vidas e capacitar pessoas para a obra do Senhor.

- Quando comecei a planejar esta etapa da minha vida, pensei que 100 novas congregações na capital e mais 100 no interior seria um bom alvo. Na época, havia, mais ou menos, 20 e 20. Achei que tanto crescimento seria fabuloso, que demonstraria o poder de Deus. Ó, homem de pequena fé! Vejam quanto mais o Senhor fez: ele mostrou que meus planos não eram nada em comparação com os dele. Nesse caso, como é bom orar: não a minha, mas a sua vontade se faça. A vontade de Deus é que pessoas sejam salvas e que sua igreja cresça. Tirando os obstáculos de tradições humanas, tivemos a oportunidade de ver o quanto Deus é capaz de fazer. Fico tão agradecido por poder ver e participar de tudo isso.

- Ainda é difícil acreditar. Por tantos anos, Janice e eu lutamos tanto e os resultados, mesmo sendo bons, eram tão pequenos. Achávamos que sempre seria assim. Felizmente, pela graça de Deus, tivemos a coragem de modificar tudo para tentar adequar-nos por completo à vontade do Senhor, sem medo de arriscar tudo: a nossa poupança, a nossa reputação e as nossas amizades. E o crescimento veio, lento no início, mas já com grande qualidade espiritual. Estávamos conseguindo transmitir nossa visão aos novos. De verdade, uns se empolgaram tanto que seus sacrifícios fizeram nossos parecerem quase nada. E exatamente como na tabela que fiz no início, fomos dobrando cada ano. Poucos nos primeiros anos e depois aqueles poucos se tornaram muitos, numa verdadeira explosão de crescimento.

- Achei que 100 e 100 seria muita coisa, mas Deus deu 1000 e 1000, e o entusiasmo continua. Estou fazendo 75 anos, mas pretendo fazer meu discípulo neste ano de 2022. Janice é

muito mais jovem: só tem 74. E ela está na minha frente, como sempre. Na semana passada batizou-se sua discípula deste ano (outra bisavó simpática como a própria Janice). Não quer dizer que ela vai parar pelo resto do ano, mas mostra que o ritmo de trabalho em todos estes anos tem sido calmo e gostoso, nada de pressão e de correria de um compromisso para outro.

- Decepções? Muitas. Quando você trabalha com pessoas, sempre haverá decepções. Quantos e quantos começaram com tanto entusiasmo, simplesmente para cair fora, exatamente como Jesus avisa na parábola do semeador. Houve casos de presidentes de empresas que pediram demissão, para usar todo seu tempo para fazer discípulos, mas que hoje não servem mais ao Senhor. Tanto talento, tanta fé, tanta boa vontade, porém sem perseverança. Por causa de todos que se desviaram da fé, vocês podem perceber que a média de um discípulo por ano não é tão pequena. Para fazer um discípulo de Jesus, que faz outros discípulos que, por sua vez, fazem mais ainda, leva muito tempo, amor e esforço. E se descontarmos aqueles que não aguentam, cada obreiro e obreira precisa achar mais que um novo discípulo por ano. Não é uma cota, é uma meta. Por exemplo, um destes anos, tive o privilégio de ajudar três universitários entrarem no reino, que já produziram tanto fruto que eu preciso aprender com eles!

- No começo, o trabalho foi difícil porque não havia ainda uma rede de contatos formada. Nós nos esforçávamos para conhecer pessoas e tentar entrar em suas vidas com o evangelho. Ainda tentamos, e felizmente, somos bem melhores do que no início, mas agora temos mais contatos do que tempo. Conhecemos pessoas em todos os bairros e municípios da Grande São Paulo e centenas de municípios do interior.

Nosso telefone toca quase todos os dias com mais oportunidades.

- Hoje, 24 de março de 2022...

A nora interrompe, dizendo - Senhor Bill, já é dia 25 há várias horas.

- Eu avisei, não avisei? Vocês queriam o discurso e eu declarei que tinha muito a dizer e agora podem acreditar! Está bem, hoje, 24 ou 25 de março, existe uma rede de relacionamentos de literalmente milhões de pessoas que já são discípulos, ou que estão ouvindo a palavra, ou que estão aproximando-se mais para prestar atenção. Estas pessoas moram em todos os cantos de São Paulo, no Brasil inteiro e em muitos países do mundo. É uma reedição de Atos 8.4, porque vão por toda parte pregando a palavra. Cumpre cabalmente a Grande Comissão porque, indo, fazem discípulos de todas as nações (incluindo todos os estados e municípios). É claro que eu não conheço milhões de pessoas; milhares, sim, mas não milhões. Pois, o sucesso da obra não depende de um ministro ou de um esquema de trabalho; depende do Senhor da obra, que, sim, conhece milhões, para não dizer bilhões, de pessoas.

- Deixe-me contar algo bonito, mas um pouco engraçado. relatei que em 2001 havia um pouco de chateação porque não voltamos para trabalhar com as igrejas existentes em São Paulo. E que uns se exaltaram, achando que estávamos indo contra o que Deus queria. Pois bem, com o passar dos anos, especialmente depois da explosão de crescimento ao redor de 2010, surgiu algo que eu chamo de "inveja santa": por não gostarem daquilo que fazíamos, uns se esforçavam para fazer mais. Acredito que as igrejas existentes cresceram mais e começaram mais congregações novas e, especialmente, fizeram mais missões do que teriam feito se não existisse nosso traba-



lho. Fico feliz por isso; não pela incompreensão, pois isso do-  
ia, mas pelo estímulo à expansão do reino de Deus. Como  
sempre dizia, não era competição; estávamos sempre no mes-  
mo time, sempre membros do corpo único de Cristo.

- O futuro? É Deus quem sabe. Quando Jesus voltará?  
Não sabemos, contudo precisamos estar preparados. Exulto  
porque tantas pessoas a mais estarão prontas também para a  
volta do Senhor. Sempre orava que na volta do Senhor hou-  
vesse muitas pessoas salvas por nosso intermédio, não para  
nossa glória, mas porque Jesus merece tudo. Dou graças a  
Deus que vivi para ver este número expressivo de pessoas re-  
dimidas e totalmente obedientes a Cristo.

- Não é de agora que tenho este desejo forte de servir e  
glorificar a Deus. Nem começou em 2001. Acertadamente,  
este alvo espiritual controla a minha vida desde a minha con-  
versão e me levou à universidade cristã, e, depois do nosso  
casamento, nos levou, a Midland, ao Brasil, de São Paulo a  
Manaus e, arriscando tudo, para este estilo de ministério to-  
talmente espiritual. Que vida! Que alegria no serviço ao Se-  
nhor!

- Estou quase terminando. Nunca imaginei que falaria  
tanto e com tanta paixão. Vem à minha mente mais uma histó-  
ria. Data de 1975, quando estávamos preparando-nos para vir  
ao Brasil. É uma memória preciosa para mim que agora se  
torna uma vitória magnífica.

- Durante um seminário sobre missões promovido por  
uma universidade cristã, tive uma das experiências mais mar-  
cantes da minha vida. O seminário durou três semanas e Jani-  
ce com os filhos passaram o tempo em Dallas, com os pais  
dela. Fui os dois domingos para pregar em Midland. No se-  
gundo domingo à noite, estava voltando de ônibus para Abile-

ne e comecei a prestar atenção nas luzes de cidades e vilas naquele sertão vasto que é o oeste do Texas. Era uma noite linda e cristalina; nada bloqueava a vista, mesmo de povoados bem distantes. De repente, um emoção forte tomou conta de mim: em todos os locais iluminados, mesmo os menores, havia congregações reunindo-se. Cinquenta ou cem anos antes, não existiam, mas por causa do amor e esforço do povo de Deus, a verdade do Senhor tinha chegado a todos os pontos. Tinha lágrimas nos olhos quando orei: "Pai, que seja assim também no Brasil. E, se for possível, seja assim durante a minha vida.". Por causa desta experiência, vocês não podem imaginar a satisfação que tenho hoje de viajar por qualquer estrada no estado de São Paulo e saber que em cada cidade, grande ou pequena, numa casa, num quintal ou até num prédio, a igreja de Deus se reúne. Que glória!

- Para mim, é o sonho brasileiro!